

Auto da Revisitação

de

Pedro Eiras

e

Jorge Louraço Figueira



Janeiro/Outubro 2002

STOZETA - SALÃO NOBRE T. SÃO JOÃO - PORTO

Sobre Auto da Re-Visitação

de Pedro Eiras e Jorge Loureiro Figueira

Leitor: aceitemos o repto que uma determinada linguagem, a vicentina, nos coloca: o que fazer deste legado, como tratar um imaginário, imaginário linguístico antes de mais, mas também medieval, também político, também literário? Partimos de um princípio: para que haja *Revisitação*, a linguagem e o imaginário vicentinos devem estar, de algum modo, inacabados, à espera de ressurreição, versão, glosa, eco, e todos somos convidados a responder-lhe. O texto vicentino deve ser, ainda, sempre, revisitável, habitável por nós que vivemos mais quinhentos anos. Revisitar um texto não é penetrar nele como se fizéssemos tábua rasa dos séculos e entrássemos em pleno paço para assistir à *première* do monólogo do Vaqueiro. Não. Entraremos no texto impuros, isto é, carregados de visões, vicentinas e outras, com que nos fadaram.

O que seria uma peça de teatro *sobre* Gil Vicente?

Uma contradição nos próprios termos? Um perigo? Uma colisão a evitar custe o que custar? Um desejo irrecusável?

Temos o texto vicentino e temos a nossa vontade de o revisitar. Há, digamos assim, duas possibilidades: ou nos aproximamos demais de Gil Vicente, e nos fundimos nele, e nos perdemos (e há nisso, evidentemente, um gozo de perdição), ou, por outro lado, nos afastamos demais, e o perdemos de vista, e o substituímos por um discurso contemporâneo (e há também, evidentemente, outro tipo de gozo nessa perda). E há ambas as possibilidades juntas. E vice-versa. Os perigos espreitam de todos os lados, de cada vez que dialogamos com um texto que, além de tudo, não se deixa reduzir a definições ou classificações apressadas. Numa palavra: não sabemos (e saberemos alguma vez?) o que é este texto, como é que ele se insinua já dentro da nossa própria língua e de tudo o que escrevemos. Como delimitar Gil Vicente? Como surpreender Gil Vicente?

Todos nós estudámos Gil Vicente. Todos nós, de muitos modos, o sonhámos. Gil Vicente não é sequer apenas um texto, um texto vivo, mas uma cosmovisão, um discurso, uma possibilidade de reconhecermos idiossincrasias sociais ou nacionais. Poderíamos mesmo afirmar, com Foucault, que Gil Vicente é um instaurador de discursividade, e nesse sentido existe Gil Vicente muito para além da *Copilaçam de Todas as Obras*. Esse Gil Vicente plural e dificilmente definível será também revisitado? Todo ele? Onde? Como? E não haverá Gil Vicente já no próprio modo como falamos? e como vemos o teatro? Não serão todas as peças de teatro em Portugal revisitações de Gil Vicente? Poderíamos, se alguma vez o quiséssemos, “não escrever Gil Vicente”?

Se o *Auto da Revisitação* for promessa e experiência, não deverá ser, em momento algum, revisão da matéria dada. Se a linguagem e o imaginário vicentinos vivem, é precisamente porque não se deixam reduzir a um objecto de conhecimento parado e arrumado no seu lugar. *Revisitar* seja jogar, brincar, fazer de conta. Profundamente. Tirar do seu lugar. Re-vicentar.

Ficaríamos contentes se este *nosso* Gil Vicente fosse falável, brincável, levável para casa por cada um, familiar mas sempre incoincidente. Uma peça de teatro *sobre* Gil Vicente? Não, mas desejavelmente uma peça de teatro vicentina. Onde o texto vicentino compareça, subliminar ou abertamente dito, e cruzado com outros textos, nossos ou de outros, uma intensa troca de palavras, personalidades, vontades e sonhos.

Porém, neste instante, que podemos dizer de um texto que ainda é mais fome e devaneio do que caminho e alimento? O diabo está nos detalhes, leitor. Seiscentas e dezanove referências bibliográficas depois, das quais edições completas em 1834, 1852, 1907-14, 1928, 1965, 1984, o fraseado «Gil Vicente», leva avante sobre os demais no campeonato da Porbase. Seiscentas e dezanove, seiscentas e vinte, vinte e duas, vinte e oito... Pede purga. Re-aportuguesado, invade os estádios, os teatros, as ruas: a tudo Vicente dá nome. É o corvo que não volta a nóé, a arca o teatro nacional, o quem casa-descasa quer arca das espécies do mundo natural. Quinhentas personagens autuadas ficam de fora.

No dia sete de Junho de 2002 o Gil Vicente F. C. defronta amigavelmente o Sporting Club Almada Negreiros. «Tens cromos para repetir?», os miúdos correm a completar as colecções uns dos outros. O teatro é o escapares-te de todas as artes. Todas as artes são todas as peças de lego da mesma coisa. Gil Vicente deu-nos um lego. Os titulares: pelos gilistas: Joane, Pêro Marques, João Mortinheira, Aires Rosado, Amâncio Vaz, Bastião, Dom Duardos, Braz Carrasco, Serafim, Tempo, Morte, Anjo, Diabo... pelo Negreiros, onze mais seis nomes de guerra igual a um dia claro com relvado impraticável. Participação especial de Didi e Gogo, pontas de lança, recuperando de lesões recentes. Uma equipa treinada por Almeida Garrett, num programa de ressurreição do teatro nacional. Pano de fundo: anjos, diabos, híbridos seres, a Morte e o Amor sobre as Barcas que não levam a lugar nenhum. E ainda as galerias de figuras de Bosch, especialmente certo senhor pássaro de patins e funil na cabeça. E a capa do *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*. E quem mais pedir para entrar teatro adentro. Os anjos têm as costas largas, leitor.

Reiteração: Sepultura de Gil Vicente

O gram juízo esperando
jaço aqui nesta morada
também da vida cansada
descansando

pregunta-me quem fui eu
atenta bem pera mi
porque tal fui coma ti
e tal hás de ser com'eu.
E pois tudo a isto vem
ó leitor de meu conselho
toma-me por teu espelho
olha-me e olha-te bem.

Pedro Eiras e Jorge Louraço Figueira

Auto da Revisitação

Índice das Cenas

Cena 1. <i>A primeira fala é que conta.</i>	2
“e um Gil um Gil um Gil	2
“O gram juízo esperando.....	2
“Ando muito esfandegado.....	3
“Levantar màora em pé.....	7
“Má morte, má corte, má sorte.....	8
Cena 2. <i>Pastor infeliz eu sou!</i>	11
Cena 3. <i>Espero bem que já saibam as falas</i>	15
Cena 4. <i>Oh, como sou desgraçado!</i>	18
Cena 5. <i>Onde é que se meteu o Agosto?</i>	23
Cena 6. <i>Que farei?</i>	29
Cena 7. <i>Eu só tenho duas palavras para vocês</i>	36
“O que há de ser há de ser.....	36
“esperade um pouquinho	39
“Ai senhora venho morta	40
“Nam hajades vós aquela	44
“alguidar alguidar.....	46
“Lianor Vaz que é isso?	47
Cena 8. <i>Que sítio encantador.</i>	51
Cena 9. <i>Vamos baptizá-lo agora.</i>	59
“Quem começará primeiro?	60
“O gram juízo esperando.....	61
Cena 10. <i>Oh! ninguém me vem salvar</i>	63
Notas.....	72
Distribuição.....	72
‘Argumento’	72
Glossário excertos Cena 1.....	73
Glossário excertos Cena 7.....	74
Glossário excertos Cena 9.....	84

“Argumento”

A ideia geral para o espectáculo ficou sendo que João, um jovem actor, é praxado por duas atrizes mais velhas, Europa e Glória, enquanto não chega o ‘director’ da companhia, Agosto, que passa o tempo na tentativa desesperada de montar um espectáculo sobre Gil Vicente que mais ninguém quer montar. Este anda meio tresloucado pelo teatro, como é normal nos encenadores e artistas em geral (dir-se-ia que em processo de concentração), e de vez em quando aparece a ralar com os outros. As atrizes querem é brincar com João enquanto não chega o ‘patrão’. A determinada altura, Europa (dá-lhe um rebate de consciência) tenta pôr cobro à brincadeira e começar o ensaio, mas tudo o que consegue é que venha ao de cima a memória da dramaturgia universal – fazem excertos do Édipo – e que regressem ao prazer de representar uns para os outros. Agosto interrompe intempestivamente esta brincadeira para começarem a trabalhar mas no meio da confusão o ensaio degenera em citações do Romeu e Julieta; exasperado, o director promove à força o ensaio de algumas cenas de Gil Vicente, que são novamente boicotadas, desta vez porque vêm ao de cima tensões pessoais: Europa e Agosto são antigos amantes, Glória está interessada em João, Europa faz charme para João e Agosto fica louco de ciúmes (artistas!...). Quando as crises criativa e afectiva e o esforço para sair delas redundam num amuo do encenador e no vazio artístico e emocional, resta esperar por Godot. É o que elas fazem, até que se lembram que ainda podem baptizar o João; ainda não acabou o recreio. Feito o baptismo, Europa e Agosto desempenham a última função, onde a saída para o problema afectivo e criativo do ensaio é um remate feito por uma personagem-síntese (autor, actor e morte) encarnada pelo Agosto, figura essa que é encarada por um pastor/espectador (Europa); estes dois são ao mesmo tempo os antigos amantes, o director e a actriz, o professor e o aluno, o autor e a personagem.

Auto da Revisitação

Uma sala de ensaios onde há um cabide com guarda-roupa diverso, um armário com portas de vários lados, um alguidar e um 'esquecedor' eléctrico. João tenta memorizar versos de Gil Vicente. Não dá pela entrada do público. Prepara-se como se fosse iniciar algo importante. Tem versos de Gil Vicente escritos nas mãos. Lava a cara no alguidar, com as mãos de fora.

Cena 1. *A primeira fala é que conta.*

JOÃO

A primeira fala é que conta. Não podes falhar. Lembra-te. Isto é como no circo. Tu fazes parte do trapézio, o trapézio és tu... Vá lá...

“e um Gil um Gil um Gil
que má retentiva hei
um Gil cujo nam direi
um que nam tem nem ceitil
que faz os aitos a el rei.
Ele me fez
e tirou de minha aquela
muito inda em que me pês
que entrasse cá na capela
previcar um antremês”¹

Glória e Europa, acabadas de chegar, com um saco de serapilheira, uma venda e dois barãos, observam o actor.

GLÓRIA

(entre elas; a cantarolar) Há sempre uma primeira vez...

JOÃO

Boa! Agora... os versos *(lê da mão)* da... sepultura... do actor... han?!... não... do autor, do autor...

“O gram juízo esperando
jaço aqui nesta morada...
(...)
preguntam-me quem fui eu...”²

EUROPA

(entre elas) A sepultura do actor?!... Não vai conseguir... Sabes que mais?

¹ *Auto em pastoril português; in Copilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente*, vol. I, edição de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, pp. 19-20. As citações de obras de Gil Vicente são feitas a partir desta edição.

² *A sepultura do autor*, II, pp. .

(como quem espreita a oportunidade)
“Ando muito esfandegado...

GLÓRIA
Que é isso, Europa, que queres?

EUROPA
Somos postos em prazeres
e trabalho misturado.

GLÓRIA
Isso é coisa de proveito?”³

EUROPA
(decidida) Há uma primeira vez para tudo. Anda.

Europa tapa-lhe os olhos, Glória segura-lhe as mãos.

EUROPA
(para João) Ainda não sabes o teu papel de cor, joãozinho?

JOÃO
Mesmo agora disse os versos da sepultura... os que o Gil Vicente escreveu depois de
morrer. Não ouviram?

EUROPA
Depois de morrer?...

GLÓRIA
Sempre a inventar...

JOÃO
Chegaram agora, por isso é que não ouviram.

EUROPA
O que eu ouvi foi um amador a gaguejar, sem saber o texto de cor. Se queres dizer Gil
Vicente tens de te lembrar dos versos como te lembras de respirar, pá.

JOÃO
Eu para respirar não preciso de me lembrar.

EUROPA
Claro. E não te esqueces, pois não?

GLÓRIA
Tens de lavar estas mãos antes de entrar em cena...

³ *A farsa da Lusitânia*, II, pp. .

EUROPA

Pois é... Tens mais alguma coisa escrita no corpo?...

GLÓRIA

Deixa cá ver... Estes pelos do peito estão em código, não estão? (*tira-lhe o telemóvel*)
Tu tens namorada? Aqui não precisas disto. (*telemóvel na bacia*)

EUROPA

(*para o público*) Por favor desliguem os telemóveis.

JOÃO

O que é que estão a fazer? Parem. Chega, Filip-

EUROPA

O quê?! Como é que eu me chamo? O que é que eu te disse há duas semanas quando chegaste, han? A primeira coisa que te disse quando chegaste aqui? Qual é o meu nome.

JOÃO

Espera. É um nome antigo, eu sei.

EUROPA

Antigo? E ainda não sabes?

JOÃO

E é grego, é grego.

EUROPA

Queres apanhar na boca? Qual é o meu nome artístico?!...

JOÃO

Helena? Sofia?

EUROPA

E eu, e eu?

JOÃO

Cassandra?

EUROPA

Uma coisa tão simples e tu não te lembras?

GLÓRIA

E eu? Como é que me chamo?

JOÃO

A tua voz e a dela são muito parecidas.

GLÓRIA

O quê?! Não te lembras do meu nome?